Jornal de Pediatria
www.jped.com.br
sociedade brasileira de pediatria
ELSEVIER
Reporte Semanal
Nº 29 • 2026

Factors associated with food insecurity in children and adolescents with type 1 diabetes mellitus

Pinto GF, Braga JS, Mathias AB, Sizisnande PM, Rodrigues PH, Luescher J, Padilha PC.
J Pediatr (Rio J). 2026;102(5):101589. DOI: 10.1016/j.jped.2026.101589

Comentado por: Dra. Denise Tiemi Miyakawa

Gastroenterologista e Nutróloga Pediátrica, Membro do Departamento de Nutrologia da SBP

No tratamento de pacientes com diabetes mellitus tipo 1 (DM1), a manutenção de uma alimentação saudável e nutricionalmente adequada é fundamental para o controle metabólico e para a prevenção de complicações. Uma dieta equilibrada, com baixo teor de gorduras e açúcares adicionados, contribui para o controle da hemoglobina glicada (HbA1c), do perfil lipídico e da pressão arterial, prevenindo ou retardando complicações relacionadas ao diabetes. Fatores socioeconômicos como a insegurança alimentar podem comprometer o tratamento, limitando acesso regular e permanente a alimentos em quantidade e qualidade suficientes. Neste estudo conduzido na UFRJ com crianças com DM1 acompanhadas ambulatorialmente, 67,4% das crianças apresentavam insegurança alimentar, tornando-se um fator de pior controle da doença. Segundo Weiser et al. (2015), isso ocorre por três principais vias: nutricional (falta de variedade dietética), comportamental (dificuldade de adesão à rotina terapêutica) e de saúde mental (estigmas e estresse associados à escassez de recursos). Outro aspecto preocupante é a maior prevalência de insegurança alimentar observada neste estudo quando comparada às estimativas nacionais. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2024), 27,6% dos domicílios particulares brasileiros apresentavam algum grau de insegurança alimentar, enquanto o Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil de 2019 (ENANI) identificou essa condição em 42,1% dos domicílios avaliados. Pela Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (EBIA), utilizada no estudo para classificar a insegurança alimentar, 50,4% dos pacientes enfrentavam insegurança alimentar leve, 11,6% moderada e 5,4% grave. Quando foram comparados os fatores sociodemográficos com a classificação EBIA, foi observada associação estatisticamente significativa (valor $p<0,05$) entre a insegurança alimentar e três indicadores socioeconômicos essenciais: renda familiar, escolaridade do cuidador e o recebimento de benefícios sociais. Esses três indicadores refletem diferentes dimensões da vulnerabilidade social enfrentada pelas famílias. Em relação ao controle glicêmico, 71,3% dos participantes avaliados apresentavam controle inadequado (definido por HbA1c ≥ 7,5%), com uma média geral de HbA1c de 8,15 ± 1,33%. Os resultados encontrados corroboram os dados disponíveis na literatura, indicando que a insegurança alimentar transcende os aspectos nutricionais e se associa à vulnerabilidade social e ao pior controle da doença, contribuindo para maior risco de complicações.

Para mais informações, leia o artigo na íntegra.
Leia este e outros reportes no site da SBP